

## Prefácio

Clélia Ap. Martins  
Maria Eunice Quilici Gonzalez  
Mariana Claudia Broens (org.)

**Como citar:** MARTINS, C. A.; GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C (org.). Prefácio. In: MARTINS, C. A.; GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C (org.). **Informação, Conhecimento e Ação Ética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.9-12

DOI:<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-344-1.p.9-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## PREFÁCIO

Esta não é uma obra biográfica, tampouco uma obra tecnicamente engenhosa sobre as ideias de um filósofo analítico. Sequer também é um repositório de informações ou guia do complexo das ideias de uma filosofia que emerge da interdisciplinaridade.

A característica básica desta obra brota de cada capítulo compondo um quadro de ideias gerais sobre conhecimento, informação e ação ética, as quais, a despeito de não serem do pensador ao qual este livro é dedicado, tornaram-se seu patrimônio comum, seiva de seu cotidiano e graças a ele ganharam relevo, mesmo quando objeto de suas críticas.

Os dotes do homem homenageado por este livro podem ser admirados ou criticados, mas são intransferíveis, como tudo o que é subjetivamente individual, mormente quando exprimem, como no caso do professor Antonio Trajano, o raro privilégio de captarem muitas formas de pensamento e de sensibilidade com imediata clareza. E isso porque a Antonio Trajano, um professor de vasta visão da “psique”, trata-a com a maturidade daquele que a pensa não pela abstração pura, mas mediante categorias que permitem considerá-la como fenômeno psicossocial. Justifica-se: ele a sonda desde o mundo cultural, nas raízes ontológicas, epistemológicas e psicológicas. Este é um dos principais méritos do homenageado por este livro, e sua perenidade está nas concepções que ora por ele são incorporadas, ora por ele são escritas/registradas. E a quem é dada a oportunidade de observá-lo com elas, pode refutar (a ambos, a ele como pensador dessas categorias e a elas próprias), pode igualmente querer modificar ou superar, mas não pode ignorá-las se o que busca diz respeito ao ser pensante que somos, do que ele é exemplo.

Em comum, os autores dos capítulos que constituem esta coletânea não crêem que Antonio Trajano esteja no “final” de sua caminhada profissional, por isso não se pode afirmar que deixou ou deixará saudades. Ele continua, apenas agora como um novo tipo funcional na instituição. Há, porém, que se fazer uma retrospectiva de seu caminho, e é possível perceber que, em vez da dedicação a um ou outro sistema filosófico, o seu traço é uma filosofia de inquirição, que deslinda a partir de problemas que irrompem da facticidade. Esse é o seu fundo de incessante problematização e de insatisfeita investigação – daí que o que ele nos lega não são obras acabadas, mas artigos inconclusos e fragmentários. Modestamente são textos dignos do escrúpulo exigente de quem sente a exiguidade da vida que vive para aprender e cingir a morfologia complexa do comportamento humano.

Antonio Trajano, acadêmico dedicado, ex-universitário uspiano, mestre pela USP e doutor pela Universidade de Oxford, sempre se dedicou ao estudo e ao ensino na UNESP, “vestiu a camisa” como ele mesmo diz e exige de seus pares. Nesse itinerário, repartiu a incansável atividade filosófica pela psicologia e pela teoria do conhecimento – mais precisamente sua reflexão de filósofo obedeceu ao objetivo de esclarecer, por vias diversas, um mesmo problema: a compreensão do mundo humano e o modo como o mundo da cultura interage com esse universo psíquico, sempre obediente ao sentido de empiria que é o signo de seu posicionamento filosófico e em cuja mente pulsam as experiências da vida humana na diversidade de suas formas de expressão.

O ponto de partida e objeto constante da sua meditação é a consideração conceitual desde a realidade concreta. Como à pura abstração não é concedido tanto crédito, a fundamentação da sua reflexão não pode deixar de estar assentada em conceitos da filosofia analítica, psicossociologia e da ética.

É da ideia de ser homem, mundivivência, cujas raízes arrancam diretamente da própria vida, que lhe cumpre partir como suporte e alento da atividade intelectual. É ela que, para ele, impregna a filosofia, a ciência e as cosmovisões de qualquer índole, e porque se apresenta múltipla e diversa no decurso do tempo, essa vida humana deve ser explicada por métodos e categorias da Ética e das ciências psicossociais.

Para rasgar o horizonte da mesmice, da tacanhez ou do ceticismo, seu testemunho como pessoa mesmo é suficiente: olhar Trajano, ouvir sua fala vagarosa, perceber a ternura de seu olhar, e mesmo por vezes na ira que transparece (um ira tão “intensa” que mesmo aqueles não admitidos por ele, fazem-lhe homenagem), expressam a filosofia como tentativa que parte de dados particulares, vívidos, para conceber o mais geral, o universal, ou então o que é latente em cada elemento das ideias ou da realidade. Esse respeito ao particular, ao singular, como não menores ou desvinculados do todo, não permite negarmos que a pessoa de Antonio Trajano é intensa – não propriamente na produção acadêmica quantitativa, mas em termos qualitativos, de convivência profissional: no modo como nos desperta e incita a nos adaptarmos ao ritmo dos “ares” da filosofia, um modo, aliás, guiado pelo alento que dá significação às concepções e reivindica responsabilidade à reflexão desse fazer cotidiano.

Enfim, estamos diante de um ritmo mental, um estilo de conceber o mundo que certamente, como qualquer teoria filosófica, tem sua coerência lógica, mas certamente também suas inconsistências ou dúvidas e inquietudes imanentes. Assim como não há uma só filosofia verdadeira, absoluta, não há um só tipo de filósofo que esgote em si mesmo a veracidade e significação do refletir filosófico, do não alhear-se da razão que nos defronta constantemente com o antagonico, o acontecido como não ganho, como desvitalização do que poderia ser mais essencial em termos de vida. É esse seu testemunho de um ser que não se separa do pensamento que é seu objeto, e que, não obstante a aparente feição frágil de existência pessoal, denota um cumpridor exímio da possibilidade de sentir e de pensar que escolheu assumir/encarnar. Sua fragilidade é sua força que se antepõe ao barbarismo que por vezes pode surgir do cotidiano de trabalho como um doce sorriso que nos diz: não vale a penas não conceder significação, seria isso um não pensar astuto cujo investimento não ultrapassaria o que por vezes lamentavelmente ocorre, a saber, a superficialidade do saber e da convivência com a filosofia. De todos nós, obrigado Trajano!

Clélia Ap. Martins  
 Maria Eunice Quilici Gonzalez  
 Mariana Claudia Broens